

07-03-2025

REI ARTUR

Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Quando fiz meu fracassado curso de literatura, a única coisa que sobrou foi um colega de turma. Artur era um baiano apaixonado pela Bahia. Vivia louco pra voltar pra Belmonte e depois tentar a vida em Salvador. Mas Magda, a catarinense que lhe sequestrou não queria sair de Floripa. Nem nos livros eu tinha visto paixão tão avassaladora. Na excursão dos colegas da Faculdade de Enfermagem da Magda, passando pelo litoral sul da Bahia, os dois se apaixonaram e ele foi com ela pra Floripa. Passaram a viver juntos na pequena casinha na comunidade da Serrinha. Logo, Artur começou a trabalhar no mercadinho onde ela trabalhava e pra não ficar sozinho no tempo que ela ia pra faculdade, resolveu fazer a faculdade onde o encontrei. Perdi seu contato e nunca mais soube dele, mas sempre tive vontade de conhecer sua pequena cidade no litoral baiano. Agora, alguns anos depois, estou a caminho de Belmonte, com Artur no coração. De Anchieta até lá são mais de 700 km. Seria a primeira vez na viagem que eu e meu Celtinha íamos enfrentar um pancadão. Me preparei psicologicamente, me abasteci de água e suco, biscoitos e chocolate e fui com a calma dos que vão encontrar seu destino. 450 km depois, muito cansado, dormi em Teixeira de Freitas, já na Bahia. Durante a viagem, grande parte na BR 101, eu fugia das ameaças rodoviárias brincando com as letras. BELMONTE. Nenhuma letra A, ao contrário de ANCHIETA. Em compensação dois E e duas letras insistentes N e T. Fiz mil mirabolâncias. Os dois E de *Eu Existo* tinham a ver com o que eu estava vivendo, mas o N e o T? Nota do Tradutor? Nunca Terei? Não Tente? Negue Tudo? A dança das palavras me incomodava mais que os faróis altos intencionais no meu rosto.

Nobre Tonto? Nebuloso Temor? Neutralidade Temerária?

Acordei bem cedo rumo a Belmonte. A Bahia, desde minhas aulas de história e depois de minha amizade com Artur me fascinava. Mas ainda não era a minha hora de conhecer as capitais dos estados, metrópoles apinhadas de gente, erguendo caixotinhos de guardar seres humanos empilhados em forma de arranha-céus. Eu então, do ramo imobiliário, acho aquilo um genocídio do verde, uma depredação do azul e um orgasmo do cinza. É bem verdade que só delineei essa opinião em mim bem depois. Na época, eu vendia aqueles caixotinhos com o entusiasmo de um idiota olhando para uma metralhadora .50, dessas que derrubam aviões: Nítido Trouxa. Importante que eu já estava na Bahia. De Teixeira de Freitas até Belmonte - 290 km - era uma puxada boa mas avisei ao Celtinha que, saindo às 6 horas da manhã, às dez horas estaríamos lá. Bingo!

Bingo de novo! Parei perto de uma feira livre da pequena e simpática cidade. Eu estava louco pra comer frutas, menos jaca. Comprei bananas e laranjas e até uns limões pra fazer uma limonada na primeira oportunidade. Caminhei pela feira, conversei com um barraqueiro de peixe, lembrando de seu João de Dona Maria do Céu e esqueci do tempo enquanto planejava meu próximo ataque naquele lugar. Quando ouvi atrás de mim aquele grito de Meu Rei, Meu Rei, a voz familiar me fez olhar pra trás. Nem deu tempo de falar alguma coisa, os braços me apertaram como se eu fosse um naufrago. E talvez fosse mesmo. Artur me lambeu a bochecha com um beijo baiano inesquecível. Ele logo percebeu que meus olhos marejados travaram minha língua. *Kid*, era assim que ele me chamava, *o que que meu rei faz por aqui? Magda teve um câncer de mama... eu que descobri o caroço, mas já era tarde....* Tinham tido um filho - Carlos Artur - e ele tinha casado de novo. O menino estava na creche e ele hoje não dava aula na escola ... Passamos boas horas juntos, almoçamos e quando ele foi buscar o menino de dois anos na creche nos despedimos com a emoção de um baiano que voltou pro seu lugar e de um catarina buscando o seu. Artur era professor no Colégio Estadual Polivalente de Belmonte mas estava de mudança pra Salvador pra fazer o mestrado em educação. Contou-me de seus planos e achei-o muito feliz. A paixão avassaladora que o levava anos antes, casualmente, ao meu encontro em Floripa, tinha dado lugar a um outro tipo de paixão. Talvez não tanto avassaladora, mas com certeza bem mais duradoura. Quando lhe contei meus planos e o motivo da viagem ele riu e disse: *Meu Rei, seu olho brilha com a força do Sol. Vai fundo e escreve aí no seu diário de bordo que nós ainda vamos nos encontrar.* Saiu apressado em busca do menino seu e de Magda e ainda olhou pra trás sorrindo. Minha pesquisa em Belmonte estava concluída. Conheci um amigo que eu sabia que era amigo mas não o conhecia no seu habitat. O seu sítio simbólico de pertencimento era ele mesmo e ele o levaria pra onde fosse. Eu que não tinha diário de bordo (ou de viagem), apenas pequenas anotações, rabiscos de rotas, garranchos de quilometragem, e os nomes que eu ia acumulando, passei a escrever mais sobre as coisas mágicas que iam me acontecendo. São essas velhas escrituras que me auxiliam a tecer detalhes da viagem, principalmente depois que passei na Bahia. BELMONTE.

Beijo Esse Lugar Mirando O Norte Trazido Emergente.

Logo anotei: 9º dia de viagem - 11 de novembro de 2009 - 4ª feira....

Artur me encontrou. Quando você tem um amigo cravado na barriga do coração você não o procura porque ele já está lá, achado. Você escolhe e é escolhido. Você não é determinado pela genética ou pelos astros ou pelas circunstâncias pré-determinadas.

A família é o imóvel em que você habita.

Mas é da barriga do coração que nasce o verdadeiro irmão.

■■■